

Pôrto
17 de Fevereiro
1907

Ano I - n.º 2



MOA SILVA

= Revista ilustrada =



...dentre essas banais publicações que rebaixam e degradam há uns poucos de anos a nossa ajesuitada raça.

Contem, pois, com a maledicência e a audácia invejosa dêsses impotentes.

Mas esmaguem-lhes a dentuça cariada e prossigam que a seu lado terão os de alma e coração limpos.

Manuel de Oliveira.

Homenagem aos mortos Eduardo Coimbra e António Rodrigues

SONETO

(INÉDITO)

Como era injénua a tímida criança,
E como nos amávamos então...
Quantas vezes beijei aquela mão!
Quantas vezes beijei aquela trança!

Quando sai da aldeia, o coração
Ia todo vazio de esperança,
E foi-se-me apagando da lembrança
Aquela meiga e casta adoração!...

Contaram-me depois, que hoje, adorava
Certo rapaz; do sítio que a trocava
Pelas carícias lúbricas de alguém...

E eu, quando passo junto dela, agora,
Choro também se a desgraçada chora,
Porque me lembro que a adorei também.



Eduardo Coimbra.

• • •
(INÉDITO)

.....
Tens no olhar feliz um riso impertinente
Quando te falo a sós da Fome e da Desgraça
E mandas-me calar esta revolta ardente
Não vá comprometer-me aos olhos de quem passa.

Dizes que sendo assim vou ser um desgraçado
Que a Ordem mandará morrer para as galés,
Que não terei na vida um dia de noivado,
Que nunca será minha a sombra dos meus pés:

E que sempre serei um pobre escarnecido
Atado até morrer á grilheta do Acaso,
Embora tenha a rir no peito enfraquecido
Uma febre de amor de que ninguem faz caso;

Que sou doudo porfim, embora essa loucura
Traga no seu delirio a luz que espanca o Mal!
E que nunca verei um sorriso á Ventura
Sem que primeiro mande á fava o meu ideal...
.....

Falas tendo no rosto um vinco de ironia,
Tu que és boa, mulher até no teu rancor!
Não vendo no egoismo atroz que te enebria
Se existe amor algum a mais que o nosso amor:

E vendo o meu olhar, o meu olhar magoado,
Tu que és burguesa, enfim, não comprehendes não
Que se possa viver na vida revoltado
Embora tendo amor de amante e tendo pão!

É que nunca sentiste a boca insatisfeita,
É que nunca sentiste a cama endurecida...
Não te deitaste nunca onde o pobre se deita,
Nunca desceste á Dor, nunca desceste á Vida!

Ter desejos de sol e não poder fitá-lo!
Ter desejos de amor e não poder senti-lo!
Mas é verdade, amor, se da miséria falo
E' por isto ser moda e p'ra fazer estilo!...
.....

António Rodrigues (Maravilhas)

A liberdade e o calendário

Dentre os mais rancorosos inimigos da liberdade um há que pela sua fôrça impulsiva tem grande persistir através de todos os séculos.

Esse inimigo, a um tempo, inconsciente e covarde, defendendo-se com misteriosas presunções de falsas origens e falsos princípios, occulto sob o nome de calendário, tem sabido resistir indene á civilizadora acção dos tempos.

Agora, porém, que a genealogia humana está estabelecida independentemente de qualquer espontaneidade criadora, que toda a ideia de immortalidade está vencida, que ressurreições e milagres não passam de fantasias atrevidas, tais princípios e tais origens, já não podem ser base segura de louca submissão a um calendário boçal.

O calendário é simultaneamente o supremo déspota e o supremo tirano.

E' o supremo déspota, quando, num capricho vil de burguez endinheirado ou decreta a suspensão completa de toda a vida social ou impõe a todos os espiritos aquela feição que o deleite.

E' o supremo tirano, quando nesse decretar infamíssimo, não admite prevaricações.

Decreta, ordena—há-de ser obedecido.

E eis o mais extraordinário visio da decadência mental que a sociedade foi susceptível de atingir:

Conforma se e resigna-se.

Domingo.—A primeira, a mais frequente e a maior das tiranias.

Estupidez inqualificável, que o espirito humano ainda não foi capaz de banir.

E' domingo—não se trabalha, não se pensa, não se vive.

E porquê? Porquê essa arbitrariedade que á miséria vem juntar a miséria, que á dôr da maior parte vem roubar o prazer dum pequeno número? Porquê essa paralisia revoltante que vai immergir-se no chafurdar da lama e no lodaçal do vício?

Porque nós assim o queremos. Sim, porque ainda não quisemos ter fôrças bem poderosas, bem conscientes, bem universais com que podéssemos num só momento escorraçar toda a imbecillidade que nos martiriza.

Deixamo-nos envolver nas redes traiçoeiras do autoritarismo e não nos convencemos bem fundamentos que a nossa liberdade está e deve estar sempre acima dessas torpezas.

—E' domingo—tudo cessa.
Santo dia porque é dia de descanso!

Não, ignominiosa hipocrisia. Não há dias de trabalho, nem dias de descanso—há trabalho e há descanso. O trabalho auxiliado pelo descanso. O descanso animando o trabalho. Um na razão directa do outro. Sem prazos, sem leis, sem ferretes exhibicionistas.

Carnaval.—O símbolo da mentira. Ajente de graves desequilíbrios sociais, origem de mais fundos vincos na miséria publica.

Meio de comércio, mas comércio indigno, porque é sempre indigno todo o comércio em que a exploração tem principal injerência.

Proposto a enriquecer uma cidade, ou antes, a burguesia dessa cidade, vai encontrar apoio em Clubes para esse fim organizados.

Por sua vez, tais Clubes vão encontrar incondicional auxílio na imprensa, essa entidade superior, que, constantemente, e sem-

pre devia zelar pelo bem social e só por ele.

A imprensa aceita-lhe todas as armadilhas, dá vasão aos enjenhosos laços soltos á credulidade da ignorância e, própria-mente, na sua quasi totalidade, mostra-se um cúmplice entusiástico de semelhante obra.

O enriquecimento duma cidade, ou da burguesia duma cidade á custa de sacrificios duma massa injénua, seduzida pelas irradiações da grandeza, seria facto bastante para suscitar justo verberamento de todos aqueles que na organização dos povos não limitam o campo da sua jenerosidade á fecundação unica de pontos limitados.

Mas se ainda esse enriquecimento se produzisse espontaneamente, sem espaventos de reclamos e elevações de promessas, o nosso espirito teria tão sómente de levar á sua crítica aos iludidos e aos inconscientes.

Desde que, porém, um enorme arrastamento se produz em todos os sentidos, e desde que esse arrastamento é produzido dum lado por Clubes que se intitulam de patrióticos e impulsionado por outro pela principal força da humanidade, não ha já argumentos que possam calar a intensidade e a veemencia do anátoma lançado sôbre tão nefastas instituições.

Admitindo mesmo que alguém se possa cognominar de humano, porque atenta apenas no bem da sua pátria, êsse bem não pode ser nunca a organização de festas carnavalescas, em que desaparece toda a vontade individual para surgir apenas, magnánima, grandiosa, omnipotente a dessa espécie de Clubes, impondo e governando.

Chama-se a isto iniciativa valiosa e altruista?—Pode chamar-se. A paixão humana de tudo

é capaz. A crítica racional é que classificará melhor. E essa crítica chamar-lhe-hia iniciativa valiosa e altruista, se, pondo de parte ostentações e futilidades, esbanjamentos e prazeres efémeros, tendesse não á acumular num ponto as actividades seqüestradas a outros pontos, mas a espalhar pela casa do pobre e pelo alpendre do entrevado todas essas loucas quantias que o vento levou e a chuva desfez.

¿E' mais espinhosa a missão?
—Sem dúvida, e, principalmente, não se reveste da auréola de que a nossa imprensa sabe cobrir a folia e a loucura.

¿Mas que importa que o seja?
—¿A nossa vida não é a vida de todos; não é de infinitas partículas buscadas aqui e além que nós formamos a nossa existência, os nossos prazeres e as nossas dores?

¿Não é num complicadíssimo misto de sensações alheadas de todos os factos, prendendo-se com todas as circunstâncias, que a nossa alma vibra, e o nosso sentimento se ajita?

¿Para que havemos, pois, de gozar doidamente, enquanto, numa extensão muito maior e muito mais intensa se adivinha o estertor do miserável, sem pão, sem roupa—sem lar, sem tecto?

Noites de prazer, noites de enebriamento, a par de noites da mais profunda dor e do mais atroz sofrimento!

Além—o carnaval aureolado de deslumbramentos febris e misteriosos encantos—aqui, negra e dura, na jazida da Miséria—a fome e o frio.

Compunjente união, que a título de beneficio, os Clubes e a imprensa, provocam insistentemente!

Os hospitaes enchem-se, as casas prestamistas abarrotam, mas não importa. E' uma vez no ano. Um passo na ruina pouco pode adeantar. Idénticamente, a

submissão e o servilismo duns dias, não poderão cavar fundo na liberdade de cada um!

Sempre assim foi. Indiferença e indiferença criminosa.

—
 Varias outras passagens há em que o calendário se ostenta escravizador.

Ficarão para ensejo mais oportuno.

Não obstante, pode desde já dizer-se, que não ficam aquém das duas mencionadas.

Natal e Páscoa são outras tantas tiranias.

Enquanto delas todas o homem se não emancipar, não poderá caminhar desafogadamente na conquista da liberdade perfeita.

Alvaro Pinto.

Do *Eco Feniano e Girondino*:

G. J.

«O jênio cá da terra.

Faz versos e planta vinhas.

Últimamente, deu-lhe a mania de fazer orações a tudo. Ao pão, á luz, e ao bacalhau assado.

Podia dar-lhe para peor,

Assim, afuda não perdemos a esperança de o vêr a ajudar á missa lá numa igreja de Barca d'Alva».

Convida se a bêsta sem nome a mostrar a ferradura.

As diferenças psicolójicas entre o homem e o macaco antropeide são menores que as diferenças correspondentes entre o macaco antropeide e o macaco mais inferior.

Haeckel.

Boa vizinha

Gota da onda, em que se expande o Povo
 que anseia espaço e nova terra invade,
 vivo num bairro inteiramente novo,
 muito lonje do centro da cidade.

É neste quarteirão, á luz do Sol
 — pequeno cosmorama entre quintais —
 sinto viver e reviver na prol'
 os mais diversos tipos sociais.

Sofre-se o apêlo enérgico da Vida,
 sob um céu fundo, quasi em frente ao Mar
 um óptimo vizinho, que convida
 a encher o peito, em haustos do seu ar.

Mas providente acaso (a quem o nome
 serve aliás em proporções mesquinhas),
 mesmo em frente da casa deparou-me
 a mais extasiante das vizinhas.

Candinha, alegre e boa. Sim, porque ela
logo pela manhã dá-me a ventura
de a ver por sobre o bôrdo da janela
cantando, na tarefa da costura.

Cantando... e mal a sua voz se inflama
a subir, a vibrar ligeira e forte
tremula atinje a imperceptível gama
duns sons que maravilham de transporte.

Jamais a alegre face se lhe turva
e o espirito mordaz, que em mim desfecha
poz-lhe na boca a maliciosa curva
dum arco tenso a despedir a flera.

Quando á tardinha desce p'r'o quintal
não sei de flor, ou delicado arbusto
que em frescura de linha exceda, igual
o gracioso elanço do seu busto.

E no seu corpo em que palpita a Graça
que inclina e quebra examinando as rosas
uma continua ondulação perpassa
num refluir de curvas deliciosas.

Ela realisa a aspiração humana
na mais perfeita forma da Energia
o Trabalho liberto, em que dimana
uma perene fonte de alegria.

E aquela sua casa, que é modesta
ergue-se ante os meus olhos como um templo
porque acho grande toda a força honesta
e redentôr o seu alegre exemplo.

Alheia irradiação que em mim perpassa
estes versos são seus — força difusa,
fecunda emanação da sua graça,
que dela fe; a minha propria musa.

Porto — Junho de 1906.

Jaime Zuzarte Cortesão.

CARNAVAL DO PORTO



Amor místico

Eu vi a Vida gloriosa erguer-se no horizonte da minha alma oculta. Por um recolhimento contemplativo e extático tinha esquecido o homem e quasi acendia a estrela do meu destino cósmico. Nêsse momento creador vi a essência, a unidade original e eterna, através a accidentalidade humanamente sensível.

Eu era envolto em sonho e em luar. O meu corpo conhece a lua, lembrava-se e a alma era cheia de saudades.

Em mim um clamor ardente de vida, em minha carne um gesto creador, de balbuciante mistério.

Senti então o poder da carne reveladora.

¿Já viram essa terra sêca e mirrada que um estio voraz queimou com beijos de fogo?

¿Aquela desolação inquieta não lembra uma face severa que sente e inútilmente procura falar uma alma inundada de enternecimento?

Eis o que é uma virjem amorosa. Terra estéril e mísera e que impetuosa torrente de vida não referve e tumultua a dentro do cárcere de mentiroso pudor!

Assim era então junta a mim a mais próxima irmã do meu destino.

Os seus flancos vibráteis, o seu ventre misterioso, os seus peitos úmidos, os seus olhos de fogo, as suas úmidas pálpebras diziam o mais eloquente pedido,

erravam, na órbita fatal da matéria, para os meus braços trêmulos e magnéticos!

.....
.....

E eis o que ouvi ao seu corpo sonoro e luminoso:

«Na eternidade copularam as estrelas e jeraram-me em sonho.

Sou o Sonho. Falo luz, são astros os meus jestos. Das entranhas da terra subí em luar, na terra fiquei em sonho e sou o luar das almas.

Numa noite tempestuosa, cheia do clamor das formas rezando a imperfeição, fulgurei nos olhos dum tigre.

Oh! que pavor e assombro havia na minha prece!

Iluminei um dia uma serpente e subí aos céus nas asas duma ave. Creei uma alma indaguei a vida e fui homem. Como tem sido dolorosa e bela a minha peregrinação humana! Esqueceu-me o passado, ignoro a vida, não compreendo o Universo e, no entanto, há, em mim, insofrida e insaciável uma imensa ansia de luz, de verdade, de comunhão.

Creei a alma e fui sua vítima. Como as há estreitas, tenebrosas e mirradas! Aspiro, soluço, soffro e não posso revelar-me, o cárcere é opaco, não posso revelar-me. Há almas ligeiras, simples, eféreas, puras e luminosas. Afloresço as flores eternas do Ideal.

Sou a nuvem que leva o povo de Moisés á Terra da Promissão. Sou o sorriso da criança e a suavidade de Cristo, a timidez da virjem e a humildade do mendigo, a quimera do poeta e a loucura do herói.

Incendeio as almas e ergo-as na plenitude da sua beleza, aproximando-as na nudez da sua absoluta verdade. Por mim se conhecem as almas, num olhar possuem-se no mais completo contacto».

.....

.....

Assim falava a sua carne numa harmonia tanjível, sensual e quente. Eu era tão exíguo que me sentia inexistente, diluído em sonho. O luar sonoro e fluido inundava a terra.

As plantas bebiam gulosamente luar e construam flores.

.....

.....

Leonardo Coimbra.

Guerra a todas as religiões, em nome dos imprescritíveis direitos do livre pensamento humano!

Heliodoro Salgado

AVANÇANDO

A todos os que trabalham para um fim justo, de Luz, de Verdade e de Praternização.

Vamos. Nada de hesitações: o Ideal bendito, cuja risónha aurora a todos alumia, impõe-nos um dever que é da Razão um grito ordena que se avance um passo em cada dia,

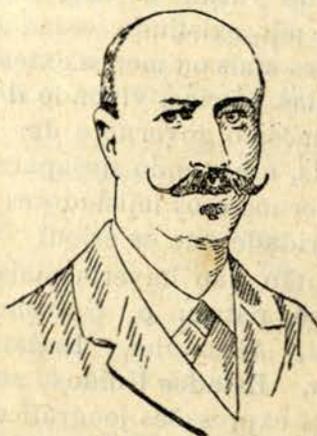
na conquista do sonho divinal, infinito, que outrora não passou de simples utopia! Desapareça o Mal; e em cada peito aflito façamos rebentar dilúvios de alegria!

Consolidemos bem o Amor Universal!
Erga-se um templo ao Bem, á Verdade e afinal, glorificando a Paz e terminando a Guerra,

intimamente unidos, num amplexo estreito,
(das almas fazer Luz, dos peitos um só peito)
teremos transformado em pleno Céu—a Terra!

António Ribeiro Seixas.

Vulgarização doutrinária



A dor universal

—

.....

¿ E a prostituição? E o roubo? E a violência? E a sede de mando?

¿ Não é certo que todos esses males da nossa época mercantil e hierárquica desaparecerão mais tarde ou mais cedo quando não encontrem terreno em que se adaptem?

¿ Prostituir-se-hia a mulher se não tivesse interesse em vender-se, e se não houvesse lei, nem família, nem opinião pública, nem educação, nem moral que a censurassem ao entregar o seu amor?

¿ Para que roubaria aquele que não tivesse mais que tomar o que lhe fosse preciso? E se porventura alguém arrebatasse alguma coisa do uso de outrem em que prejudicaria êste, que poderia substituir o objecto roubado com muito menos trabalho que o que

lhe custaria hoje queixar-se ao comissário de polícia, depor perante o juiz e provar á justiça?

¿Que razão de ser teria a guerra não existindo essas aglomerações mais ou menos extensas, chamadas pátrias, vivendo debaixo do mesmo governo e das mesmas leis, e havendo desaparecido os governos e os legisladores com a autoridade que os criou?

Então não haveria mais que uma só pátria: o Universo; e França, Alemanha, Inglaterra, Rússia, Estados Unidos seriam simples expressões jecográficas representativas duma parte do planeta, como Paris, Lyão, Marseilha, Bordeus são hoje expressões jeográficas que servem para designar pontos especiais da França.

¿Para que a hipocrisia quan-

do a verdade não tiver nada a perder e o engano nada que ganhar?

¿Para que a rapacidade quando os papeis de Banco, as acções e as obrigações de crédito não seriam mais que vulgares pedaços de papel, e não tendo o comércio razão de ser? Não se precisaria dinheiro para comprar as coisas úteis ou agradáveis.

¿Que significaria a sêde do mando entre homens livres dos quaes nenhum quereria obedecer e numa sociedade em que para sempre seriam desfeitas todas as rodas do mecanismo hierárquico?

Tãopouco a ambição do mando teria razão de ser.

Sebastien Faure.

A uma mulher simples

Quando ella passa pela rua fora
Com o seu ar de virgem receosa
Sinto nascer em mim a luz da aurora
E o despontar dos sonhos cor de rosa.

Tenho por ella um grande amor profundo
Que ella comprehende bem quando me fita
E para mim não há nada no mundo
Como essa estranha e loira cabecita.

Eu nunca pude olhá-la friamente
Se por acaso para mim levanta
O seu olhar suave e transparente
Em que nos mostra o coração de santa.

Filha do povo é toda sinjeleza
E tem aspirações iguaes ás minhas
Desdenhando do luxo e da riqueza
Em que se vestem corpos de rainhas.

E é isto que me torna mais perfeita
Esta beleza entre as belezas raras,
Que a graça que nos mostra não é feita
Nos espartilhos e nas sedas caras.

Simples e natural ella será
Na minha vida a minha propria vida
Quando eu for para ella o que ella é já
P'ra mim a aspiração a mais querida.

E só então terá razão de ser,
Cumprindo finalmente a lei do amor,
Que torna igual um corpo de mulher
Ao fecundado calix duma flor.

E ainda lá de continuar assim
Este meu sonho immaculado e puro
No filho que ficar depois de mim
Erguendo o seu olhar para o Futuro.

VÁRIA

A nossa imprensa

Dizia Victor Hugo:

«A imprensa é a força, porque é a inteligência. E' o clarim vivo da humanidade, que toca á alvorada dos povos e proclama em alta voz o império do Direito. Não conta com a noite senão para, ao fim dela, saudar a aurora; antevê o dia e adverte o mundo».

Realmente assim devia ser, mas tristemente assim não é.

Ninguém há que ignore as condições de deficiência em que a nossa imprensa se encontra.

«A imprensa é a força, porque é a inteligência».

A nossa imprensa não pode ser essa força. E não pode sê-lo, não principalmente porque, na sua maioria, não seja inteligente, mas porque em quasi toda ela se ajita um poderoso vento de insânia, pretensões e nefelibatismo.

O jeral do nosso jornalista ignorante e preguiçoso é imensamente presumido, dando-se ares de sábio, finjindo ciências profundas, cerebrações alevantadíssimas.

Não preseruta a sua missão no que ela tem de mais digno e de mais perfeito—a verdade e a sinceridade.

A imprensa ilude o leitor que a sustenta. Mostra-lhe pedras preciosas onde apenas existe tósca cantaria. Apresenta-lhe talentos sublimes onde não mais há que uma inteligência banal.

«E' o clarim vivo da humanidade, que toca a alvorada dos povos e proclama em alta voz o império do Direito».

Não é assim entre nós. A nossa imprensa toca não a alvorada dos povos, a alvorada da sociedade que renasça e se imponha, mas a alvorada dos seus partidos, que

é a alvorada das suas crenças, que é portanto, a voz das suas paixões.

Não proclama o império do Direito. Confunde, conscientemente—Direito com Interesse.

Nesse sentido trabalha e fére. Nesse sentido gasta a sua razão que deveria ir impulsionar com vigor e com firmeza, só e unicamente, a marcha da Justiça.

«Não conta com a noite senão para, ao fim dela, saudar a aurora».

Uma pequena variante:

—Não conta com a noite senão, para, ao fim dela—ir dormir.

Vae então, muito cónscio de que cumpriu o seu dever e provavelmente de consciencia tranqüila.

Não lhe pesa ter forçado a clarividência do seu espirito, dizendo *sim* onde deveria dizer *não*, não mais se lembra que no dia seguinte o publico que o lêr vai fazer fé por uma asserção cheia de artifício e fantasia.

A ingenuidade da ignorância auxilia taes abusos.

Mas, cautela! que a ignorância pode diminuir, e diminuirá, sem dúvida.

Cautela! porque então não se consentirá imprensa que iluda.

Há de ser verdadeira ou deixa de ser imprensa.

«antevê o dia e adverte o mundo».

Nem uma, nem outra coisa.

Enquanto o dia voa a imprensa dorme. Copia, quando muito. Engana-se mutuamente e mutuamente se intriga.

Tambem não adverte coisa alguma. Para isso precisava de muita sanidade moral.

¿ Tê-la-há?

¿ A exiguidade de salários e o excesso de fadiga podem justificar semelhante imprensa?

De modo algum.

Tanto uma como outra dessas circunstâncias—dependem essencialmente da vontade de cada um.

Todos devem ter a suficiente compreensão do que seja a sua personalidade, para num momento preciso exigir sem subserviências de qualquer espécie, a remuneração a que o seu trabalho tem direito.

E' uma questão de liberdade, que só a justiça pode derimir.

E a justiça deve ser a força de todo o jornalista.



O Carnaval

O homem contem o animal. E' moral e religioso é também selvagem e grotesco.

Por debaixo do semblante bello que revela a alma—a máscara hedionda do macaco.

Daí o Carnaval. O domínio da Ideia acaba onde começam os esgares do mono. O chimpanzé quer rir, pular, fazer cabriolas. Não está habituado á seriedade do raciocínio, á profundeza do sentimento, desliga-se dos compromissos humanos e joga o Carnaval. Isto é humilhante mas é lógico. Os instintos obscenos pilham-se á solta e espojam-se na lama da sua repugnante animalidade.

Ha um dia no Calendário para a alegria. É o dia de Entrudo. Nêsse dia despem-se as preocupações, é-se alegre, patusco, folião, estroina e chocarreiro, tira-se a máscara humana e mostra-se a nudez da grosseira materialidade animal.

O regosijo anual é hipócrita. A alegria não é periódica, é contínua nas consciências que cumprem a vida. E só nestas há alegria. Os outros não riem,—guincham, não teem auroras na alma, não sorriem—fazem esgares, não

teem lágrimas, a mais sublime manifestação de contentamento.



Ha uma associação no Pôrto, construída de fenianos.

Esses fenianos teem por missão na terra, divertir o povo, fazendo o Carnaval.

Hoje que a literatura pegou de conceder ao povo regalias réguas, não pode a opinião negar-lhe um bobo. Este é o seu papel real. Vejamos o rótulo com que legitimam a sua existência. *Pelo Pôrto!* é a sua divisa. Egoísta, mesquinha e petulante. E' um negócio. O bobo diverte mas o bobo paga-se. Paga-se e paga-se por um divertimento que acaricia o lado selvagem do homem. O Pôrto tem tradições belas, é uma cidade nobre; mas o Pôrto não pode isolar-se nessa divisa egoísta e sugada. O Pôrto não deve fenianar-se—seria ridículo; deve humanizar-se—será grandioso.



Pela Humanidade!

Que bela divisa, hein snrs. fenianos! Para oportunidade—a consagração dum grande facto nacional ou humano.

Uma grande festa pagã em que a linguagem harmoniosa e indefinida das cores e do som, a eloquência profunda e severa das linhas, a majestade vigorosa dos símbolos, evocassem a Vida elevando a alma extática do povo á beleza pura, á verdade luminosa.

Há na história nacional muitos factos de sujestão certa, de educadora impressão, de grandiosos ensinamentos.

Há-os e muitos. Alguns devem os senhores conhecer do Calendário. Quanto a falarem em fins patrióticos, em aproximação de Lisboa e Pôrto... bolas!

Lisboa e Pôrto não se odeiam, apenas haverá rivalidades industriaes e *festeiras* e essas ficam-lhes em casa. Quanto a patriotis-

mo... não me consta que o snr. Carnaval seja português, mas será... será e até próximo parente do Snr. Silva e Cunha.

*

Dum telegrama para a *Voz Publica?*

«No Chiado, especialmente, jogou-se muito serpentinas, *confetti* e *cocottes* com areia, que motivaram diversas autuações da policia, e até pastéis de carne, nata, ovo e chocolate serviram de projecteis, que eram arremessados das janelas do Clube Tauromáquico

Assim se estragou dinheiro doadamente, á mesma hora que na doca de Belém, em um terreno da fábrica do gás morriam de frio e de miséria dois homens, que foram conduzidos para a *morgue* até serem reconhecidos».

Vê bem, sociedade hipócrita. E' á custa dessa miséria que tu folgas e te divertes.

*

O snr. Afonso Costa, sempre á cata de popularidade, tambem tomou parte na procissão carnavalesca.

—O snr. Costa é danado!

*

Alguem viu menos coerência entre a nossa divisa—*Liber-tas*—e o nosso modo de dizer.

Não admira.

A liberdade começa onde acaba a estupidez.

*

Bibliografia

Abriremos esta secção logo que a isso nos dêem ensejo.

Só no sorriso reside o que se chama a beleza do rosto.

Se o sorriso embeleza é porque o rosto é belo; se o não transforma, é porque o rosto é comum; e se o prejudica é porque o rosto é feio.

Tolstoi.

Uma voz amada acha no fundo do nosso ser um eco mais seguro e vibrante que o ribombo do trovão. Um olhar de *seus* olhos penetra em nós mais profundamente do que os raios do sol. Um sorriso de *seus* labios atrai-nos com mais irresistivel encanto do que a mais magnifica paisagem. Em *seus* ombros, *seus* braços, *seus* cabelos, os diamantes, as pérolas, as pedrarias, as esmeraldas e as safiras vêem empalidecer seu brilho e descem á classe de simples pedras. E' que aqui sobretudo a vida nos aparece sob a mais bella e esquisita manifestação terrestre; é que a vida é verdadeiramente a grande atracção da natureza.

C. Flammarion.

O melhor meio de realizar uma revolução é fazer que todos a desejem.

Romero Quinones.

«Nova Silva»

Para os próximos números contamos com a colaboração de Antonio José de Almeida, Manuel Laranjeira e Cristiano de Carvalho.

*

Colaboração

Aceitamos toda a colaboração inédita que nos seja enviada.

Reservamo-nos, porém, o direito de a inserir ou não, conforme o julgarmos.

Expediente

Consideramos assinante todo aquele que tendo recebido a «Nova Silva» no-la não tenha devolvido.

—Vamos, desde já, efectuar a cobrança da assinatura.

—Sempre que qualquer assinante tenha de dirigir-se á Redacção, deve fazê-lo indicando o número da cinta.

TIPO

DAS

RUAS



V.F.
Porto
1907